

MEMÓRIAS DE MARIA DE MAGDALA

Célia Fudaba Curcio

Num belo dia, Emília, a boneca de pano criada por Monteiro Lobato, resolveu escrever suas Memórias. Quanto tempo viveu uma boneca de pano para ter memórias? Pois é! Mesmo com pouco tempo de vida, acabou tendo grande dificuldade para começar.

Embora tenha escolhido um título, “Memórias da Marquesa de Rabicó, a obra foi iniciada com dúvidas, mais precisamente, com seis interrogações, fato que revelou claramente sua grande dificuldade.

Inspirando-se nesta fábula de Lobato, se fosse possível utilizar esta breve experiência de Emília como uma parábola, poder-se-ia pensar em pedir à Maria Madalena, uma personagem controversa, mas de grande relevância no Cristianismo, para escrever ou contar as suas próprias memórias. Todavia, devido a essa impossibilidade, recorre-se à história, que permite estudar fatos do passado, e procedem-se então as análises críticas.

Nesse contexto, entende-se ser interessante esta reflexão, a partir do uso de uma parábola, associada a um fato histórico, para se tentar mostrar que o homem e sua ação no decorrer do tempo precisam ser estudados, no sentido *lato* da palavra, e que essas tarefas são muito mais complexas, que uma breve escrita de suas memórias pessoais.

Considerando especificamente a história de Maria Madalena, o jornalista americano Dan Burstein (1964), estudou esta personagem citada várias vezes em passagens bíblicas do Novo Testamento, a partir do best-seller *O Código da Vinci*, de Dan Brown, e externou o seguinte parecer:

Maria Madalena é como um teste de Rorschach do século XXI para atitudes em relação às mulheres, ao gênero, à sexualidade, à religião, ao cristianismo, ao Jesus histórico, à espiritualidade, ao conhecimento, à autodescoberta, à intuição, à sexualidade e ao que é verdadeiramente sagrado e profano no nosso mundo. A realidade é que Maria Madalena – como Jesus, Moisés, Buda, Confúcio e praticamente todos os ícones populares do credo religioso e da fé – se transformou em quem quer que nós queiramos que ela seja. (BURSTEIN & KEIJZER, 2006, p. 35)

Se fosse utilizada apenas esta referência, o que se poderia afirmar especificamente sobre a história de Maria Madalena, dos registros conhecidos sobre sua vida e como conhecer sua verdadeira identidade?

Para tanto, como caminho inicial para se saber sobre a identidade de Maria Madalena, pode-se escolher os quatro evangelhos canônicos da Bíblia Sagrada, assim consagrados no século IV, nos quais ela é citada em cinco episódios diferentes.

No entanto, considera-se oportuno lembrar que os três primeiros evangelhos, Mateus, Marcos e Lucas, segundo dados coletados na Bíblia de Genebra, foram escritos entre 60 d.C e 70 d.C., pelo menos trinta anos após a morte de Jesus e são resultados de tradições orais ou memórias das comunidades cristãs espalhadas pelo Oriente Médio. O evangelho segundo João, por sua vez, foi escrito bem mais tarde, entre 85 d.C. e 90 d.C. e nenhum outro livro ou carta do Novo Testamento Canônico fala explicitamente de Maria Madalena, mesmo sabendo-se que alguns deles tenham sido

escritos antes dos três primeiros evangelhos. O que impressiona é o fato de não se encontrar nenhuma explicação para isso.

Num primeiro episódio, registrado no Evangelho segundo Lucas, Maria Madalena é citada como uma das curadas de espíritos malignos.

¹Aconteceu, depois disto, que andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze iam com ele, ²e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; ³e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais lhe prestavam assistência com os seus bens. (BIBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, LUCAS 8. 1-3, 2009, p. 1333)

Pode-se constatar nessa passagem bíblica, que as mulheres registradas eram pessoas de posses e respeitadas, e cada uma havia sido curada. Os sete demônios mencionados podem indicar uma doença, talvez grave, da qual Maria Madalena foi curada, pois naquele tempo não se diferenciavam doenças de males espirituais. O número sete é emblemático, citado em inúmeras outras passagens bíblicas, a soma de três, a plenitude divina, como a Trindade e quatro, a totalidade, como os quatro evangelhos, enfim, sete indica perfeição.

Como segundo episódio, cita-se o Evangelho segundo Mateus, quando Maria Madalena aparece como uma das mulheres do Calvário.

⁵⁵Estavam ali muitas mulheres, observando de longe; eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galileia, para o servirem; ⁵⁶entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu. (BIBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, MATEUS 27. 55-56, 2009, p. 1276)

Ainda no capítulo 27 do Evangelho segundo Mateus, tem-se o terceiro episódio: Maria Madalena observa a sepultura de Jesus. Particularmente, neste caso, destaca-se que os quatro evangelhos registram a presença de Maria Madalena no Calvário e no sepultamento de Jesus. Vê-se que os discípulos fugiram, temendo serem presos, mas as mulheres permaneceram e testemunharam a morte e a inumação de Jesus.

⁵⁷Caindo a tarde, veio um homem rico de Arimateia, chamado José, que era também discípulo de Jesus. ⁵⁸Este foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então, Pilatos mandou que lho fosse entregue. ⁵⁹E José, tomando o corpo, envolveu-o num pano limpo de linho ⁶⁰e o depositou no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha; e, rolando uma grande pedra para a entrada do sepulcro, se retirou. ⁶¹Achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura, Maria Madalena e a outra Maria. (BIBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, MATEUS 27. 57-61, 2009, p. 1276)

Quanto ao quarto episódio, ele é descrito nos primeiros onze versículos do capítulo 16 do Evangelho segundo Marcos: Maria Madalena aparece como a primeira testemunha do sepulcro vazio.

¹Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem embalsamá-lo. ²E, muito cedo, no primeiro dia da semana, ao despontar do sol, foram ao túmulo. ³Diziam umas às outras: Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo? ⁴E, olhando, viram que a pedra já estava removida; pois era muito grande. ⁵Entrando no túmulo, viram um jovem assentado ao lado direito, vestido de branco, e ficaram surpreendidas e atemorizadas. ⁶Ele, porém, lhes disse: Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto. ⁷Mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que ele vai adiante de vós para a Galileia; lá o vereis, como ele vos disse. ⁸E, saindo elas, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e de assombro; e, de medo, nada disseram a ninguém. ⁹Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios. ¹⁰E, partindo ela, foi anunciá-lo àqueles que, tendo sido companheiros de Jesus, se achavam tristes e choravam. ¹¹Estes, ouvindo que ele vivia e que fora visto por ela, não acreditaram. (BIBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, MARCOS 16. 1-11, 2009, p. 1314)

No último episódio, o quinto dos aqui descritos, Maria Madalena aparece como pessoa importante na passagem bíblica conhecida como *Noli me Tangere*, registrada no Evangelho segundo João.

¹⁰E voltaram os discípulos outra vez para casa. ¹¹Maria, entretanto, permanecia junto à entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se, e olhou para dentro do túmulo, ¹²e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés. ¹³Então, eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela lhes respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. ¹⁴Tendo dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus. ¹⁵Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, supondo ser ele o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. ¹⁶Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse, em hebraico: Raboni (que quer dizer Mestre)! ¹⁷Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus. ¹⁸Então, saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor! E contava que ele lhe dissera estas coisas. (BIBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, JOÃO 20. 10-18, 2009, p. 1414)

Destes cinco relatos conclui-se que Maria Madalena, assim chamada por ser da cidade de Magdala, situada no Mar da Galileia, esteve entre aqueles que seguiram a Jesus e não só isso, sustentava o grupo financeiramente, além de se destacar por permanecer ao Seu lado, mesmo nos momentos mais difíceis, quando os discípulos homens o abandonaram, no Gólgota, depois no sepultamento e no dia seguinte, o da ressurreição.

A partir destas cinco passagens citadas, abordadas como episódios, ocorreram diversas confusões entre a identidade de Maria Madalena e a de outras mulheres também citadas na Bíblia.

Em princípio, justificam-se algumas dessas confusões pelo fato de Maria ser um nome comum naqueles tempos. Encontram-se nos relatos, além de Maria Madalena, outras Marias, como a mãe de Jesus; Maria, a mãe de Tiago e José; Maria, irmã de Marta e Lázaro, de Betânia; e Maria, esposa de Cleopas.

Encontram-se, nos evangelhos, outras mulheres, pecadoras e anônimas, que foram identificadas como Maria Madalena por alguns “doutos”, talvez motivados por interesses materiais da igreja cristã, como autorizar o clero masculino a condenar a sexualidade e considerar como heresias as diversidades teológicas.

A passagem da primeira mulher pecadora se encontra imediatamente antes da primeira aparição de Maria Madalena, relatada nos três primeiros versículos do oitavo capítulo do Evangelho de Lucas. A proximidade destes dois fatos pode ter contribuído para a confusão identitária referente a Maria Madalena.

³⁶Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa. ³⁷E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; ³⁸e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungiu com o unguento. ³⁹Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora. (BIBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, LUCAS 7. 36-39, 2009, p. 1414)

Analisando-se esta passagem, chega-se à conclusão de que provavelmente este jantar tenha ocorrido na cidade de Naim, citada no início deste capítulo 7 do Evangelho de Lucas. Essa mulher, chamada pecadora, era provavelmente uma prostituta e demonstrou coragem na sua atitude de arrependimento e gratidão, pois na época as portas da casa permaneciam abertas e as pessoas que passavam podiam observar os convidados. O anfitrião era fariseu e, portanto, evitava o contato com os pecadores, por isso duvidou ser Jesus um profeta.

A leitura do sétimo e oitavo capítulos permite esclarecer que se trata de duas mulheres diferentes e que os encontros de cada uma delas com Jesus ocorreram em locais distintos. No entanto, algumas pessoas, talvez por ignorância ou até motivados por outros fatores, passaram a identificar Maria Madalena como sendo essa pecadora arrependida. A cena comovente da suposta “Maria Madalena”, pecadora arrependida, ungiu publicamente o Seu Salvador Jesus foi descrita por artistas, escritores, pintores e escultores por séculos seguidos.

Outras pessoas, por sua vez, acabaram por confundir Maria Madalena com Maria, irmã de Marta e Lázaro, em Betânia, episódio este, no qual Jesus foi ungiu durante um jantar, na casa de Simão, o leproso. Neste caso, uma possibilidade desta confusão é a da coincidência do nome, mas, não está descartada uma ação intencional.

¹Seis dias antes da Páscoa, foi Jesus para Betânia, onde estava Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos. ²Deram-lhe, pois,

ali, uma ceia; Marta servia, sendo Lázaro um dos que estavam com ele à mesa. ³Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo. ⁴Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o que estava para traí-lo, disse: ⁵Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres? ⁶Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava. ⁷Jesus, entretanto, disse: Deixa-a! Que ela guarde isto para o dia em que me embalsamarem; ⁸porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes. (BIBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, JOÃO 8. 1-11, 2009, p. 1387)

No jantar de Naim, Jesus respondeu à crítica do anfitrião fariseu, afirmando saber quem era aquela mulher, além de ter perdoado os seus pecados, e enalteceu o cuidado dispensado por ela, em lavar e ungir Seus pés. Isto deve ter ocorrido, devido a um costume da época, em que o dono da casa deveria ter oferecido a Jesus, como convidado, a oportunidade de lavar os pés. Já, no jantar de Betânia, Jesus respondeu às críticas dos discípulos dizendo ser a unção de Maria preparação do Seu corpo, por estar próxima a Sua morte.

O que se conclui é que nas duas ocasiões, a situação era constrangedora, particularmente, de sensualidade, pois para eles, uma mulher só poderia mostrar os cabelos soltos a um homem no quarto íntimo.

De tempos em tempos, pregadores se limitavam a pequenos trechos dos evangelhos, descontextualizados, e apresentavam Maria Madalena com uma mulher de passado lascivo, precisando desesperadamente do perdão de Jesus. Mais ainda, enalteciam que, se Jesus pôde perdoar uma mulher pecadora como ela, poderia perdoar qualquer ouvinte que confiasse nele.

Assim, a apóstola Maria Madalena, conforme título atribuído por Tomás de Aquino (1225 – 1274), seguidora e sustentadora do ministério de Jesus, foi, em diferentes épocas, e por certas pessoas, transformada em pecadora arrependida, representada muitas vezes pelos artistas com os cabelos ruivos e soltos, acompanhada do vaso de bálsamo e uma caveira para lembrar o perigo da morte, a penitência, o sofrimento.

Entretanto, para se conhecer Maria Madalena, pode-se também recorrer a registros que não foram eleitos para comporem o Cânone bíblico, como os denominados livros apócrifos. Em vários destes registros Maria Madalena se revela como apóstola fiel a Cristo.

Num destes livros apócrifos, o Evangelho Segundo Maria Madalena, assim chamado, não por ter sido escrito por ela, mas por destacá-la como autoridade dentre os discípulos, encontra-se um diálogo seu com o apóstolo Pedro, quando a reconhece assim.

Pedro disse a Maria: 'Irmã, sabemos que o Salvador a amava mais do que ao resto das mulheres. Diga-nos as palavras do Salvador que você se lembra e conhece, mas nós não sabemos, nem as ouvimos'. Maria respondeu e disse: 'O que para vós foi oculto, eu revelarei'. (EVANGELHO SEGUNDO MARIA MADALENA, 2021, p. 789)

Contudo, após ouvir as revelações de Maria Madalena, as respostas de André e Pedro demonstram que, como homens, suspeitam de sua autoridade como mulher.

Mas André respondeu e disse aos irmãos: 'Digam o que desejam dizer sobre o que ela disse. Eu pelo menos não acredito que o Salvador tenha dito isso. Pois esses ensinamentos parecem ser estranhos e diferentes. Pedro respondeu e falou sobre essas mesmas coisas. Ele os questionou sobre o Salvador: Será que Ele realmente falou em particular com uma mulher e não abertamente conosco? Devemos nos voltar todos a ela, e a ouvirmos? Ele preferiu ela, a nós?' (EVANGELHO SEGUNDO MARIA MADALENA, 2021, p. 910, 911)

Com isso, Maria Madalena se entristeceu e chorou, sendo defendida por Mateus, que no texto aparece como Levi.

Levi respondeu e disse a Pedro: 'Pedro você sempre teve um temperamento quente. Agora vejo você lutando contra a mulher como adversários. Mas se o Salvador a fez digna, quem é você para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhece muito bem. Por isso Ele a amou mais do que a nós. Antes devemos nos envergonhar e colocar o Homem perfeito, e separar como Ele nos ordenou e pregar o Evangelho, não estabelecendo nenhuma outra regra ou lei além do que o Salvador disse. (EVANGELHO SEGUNDO MARIA MADALENA, 2021, p. 941, 942)

O último parágrafo mostra que os apóstolos aceitaram a exortação de Levi.

Quando ouviram isso, começaram a proclamar e a pregar o evangelho de acordo com Maria. (EVANGELHO SEGUNDO MARIA MADALENA, 2021, p. 942)

Retomando-se a reflexão inicial, com o uso de uma parábola, mostra-se a efetiva dificuldade para se escrever as Memórias de Maria de Magdala em comparação às dificuldades enfrentadas por Emília, para escrever suas próprias memórias. No final, porém, a boneca-menina superou essas dificuldades e terminou sua biografia de modo inusitado.

Bom. Vou acabar com estas memórias. Já contei tudo quanto sabia; já disse várias asneiras; já dei minhas opiniões filosóficas sobre o mundo e as minhas impressões sobre o pessoal aqui de casa. Resta agora despedir-me do respeitável público. (LOBATO, 1962, p. 122)

Sobre as Memórias de Maria de Magdala, entretanto, não se pode terminar, como na fábula de Monteiro Lobato. Pode-se afirmar que, se a humanidade e a Igreja tivessem agido como os discípulos no último verso do Evangelho segundo Maria Madalena, não teriam os artistas criado pinturas, esculturas, peças teatrais, romances e filmes tão fantásticos sobre o imaginário de Maria Madalena como foram produzidos. Resta aos cristãos conhecerem e apreciarem todas essas obras de alta qualidade artística, sem abandonar a fé em Jesus Cristo, que morreu na cruz sim, mas, que venceu a morte, ressuscitando no terceiro dia, e estudar as instigantes memórias da "primeira apóstola", Maria Madalena.

REFERÊNCIAS

BURSTEIN, D. E KEIJZER, A. J. **A verdadeira história de Maria Madalena**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006

BIBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. 2ª ed. Barueri: SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

CURCIO, C. F., **Os Números na Bíblia – Revista Visão, ano 21, Vol. 61**, p. 32 – 39. São Paulo, 2021. Disponível em: https://issuu.com/contentxp/docs/visao_66

LOBATO, M. **Memórias da Emília**. São Paulo: Editora Brasiliense, 11ª edição, 1962.

NASCIMENTO, P. **Evangelho segundo Maria Madalena – Coleção Apócrifos do Cristianismo - IV**. Vitória, ES: 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/23tzc7hr>

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. **Maria Madalena: Pecadora, Mulher, Vida em Magdala, Apóstola**. Aulas proferidas no curso on-line “Maria Madalena: Santa e Profana” pela Lusófona-X. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 28 mai, 4 jun, 11jun, 18 jun 2022.